

Com a presença de amigos e da família, foi cremado ontem em Vila Alpina o corpo do historiador

Sérgio, até o fim, sem pompas

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, falecido anteontem teve seu corpo cremado ontem no Crematório de Vila Alpina, após cerimônia bastante simples, quando o frei Beto, amigo da família, ressaltou as qualidades humanas do pai de Chico Buarque de Holanda, "que nos ensinou a reler a história; não a dos grandes; oficiais, mas a dos pequenos, abandonados e humilhados pela história desse País". A missa de sétimo dia será realizada na próxima sexta-feira, às 11h30, no convento dos Dominicanos, na rua Caiuby.

Muitos amigos e parentes acompanharam o féretro e estiveram presentes à casa de Sérgio Buarque, no Pacaembu, onde se realizou o velório. Além dos sete filhos; Chico, He-loísa Maria, Sérgio, Alvaro Augusto, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina, os netos e esposa, despediram-se do historiador os professores Mario Schemberg, Darci Ribeiro e Antônio Cândido, Soares Amora, Severo Gomes e o secretário municipal da Cultura, Mario Chamie.

Preocupado em que sua morte não fosse motivo para sensacionalismo e ocorresse com a mesma simplicidade e serenidade que a vida, Sérgio Buarque não queria flores, velas, fotografias, flashes e entrevistas. Sua vontade foi respeitada até mesmo no Crematório de Vila Alpina, onde apesar do comparecimento das dezenas de fãs de seu filho Chico, a última despedida realizou-se apenas com a presença dos amigos e parentes.

O féretro saiu às 10 horas do Pacaembu, com os filhos Sérgio, Alvaro e Chico Buarque, o frei Beto, o professor Aziz Ab'Sabr, Aurélio Buarque e o amigo Rimas de Lima carregando o caixão. Chegaram à Vila Alpina por volta das 10h30, quando iniciou-se a cerimônia, onde, após a leitura do Evangelho, Frei Beto falou do homem Sérgio Buarque de Holanda, "querido pai, avô, irmão, pai de todos nós".

Dizendo que entre as características do historiador, uma era o anticonvencionalismo, Frei Beto afirmou que, na despedida, cabia uma cerimônia anticonvencional. "É preciso dizer tudo aquilo que ele representou e continua a representar em nossos corações, lugar onde continuará sobrevivendo com a sua firmeza, coragem, justiça, inteligência e fina

ironia. Com a sua vontade de contar e reconstruir casos, acolher as pessoas com os olhos e coração, ser amigo de infância após cinco minutos de conversa."

Segundo afirmou Frei Beto, Sérgio Buarque de Holanda não teve nenhuma preocupação com a glória. "Fardas e fardões nunca o preocuparam. Não acreditava em Deus, mas realizou plenamente seus desígnios." Ao finalizar, o frei dominicano disse ter a certeza de que se celebrava ali a ressurreição do historiador. "Agora será cremado para que suas cinzas se tornem também semente de vida nova. Estarão na brisa, nas flores, no sol que brilha de manhã."

A ÚLTIMA SEMANA

Sérgio Buarque, que completaria 80 anos em julho próximo, contraiu uma pneumonia duas semanas antes de morrer. A moléstia degenerou em câncer nos brônquios, e a família foi avisada da gravidade do seu estado. Na última semana, Sérgio Buarque teve momentos de lucidez e bem-estar, em que permanecia em seu escritório, escrevendo, folheando jornais e conversando com familiares. Na sexta-feira, recebeu a uncão dos enfermos das mãos de d. Paulo Evaristo Arns. "Quando viu d. Paulo, ele riu como um menino que encontra um grande amigo", explicou frei Beto, amigo da família. No sábado, acordou cedo, tomou café na cama, recebeu nova visita de d. Paulo, conversou e pediu ao enfermeiro que o assistia que o levasse para o escritório. Alguns minutos depois, estava morto.

Segundo o diretor de teatro Fernando Peixoto, genro de Sérgio Buarque de Holanda, seus últimos dias foram calmos: "Perguntei se ele sentia dores, e ele respondeu que não. E, até o fim, não abandonou seus cigarros franceses. O próprio médico admitiu que proibi-lo de fumar agora seria inútil."

O deputado Eduardo Suplicy, amigo da família, esteve com o escritor, algum tempo antes da morte: "Há pouco mais de uma semana, eu e o Lula almoçamos com a família, a convite do Chico. Dona Maria Amélia me confidenciou que foi esta a última vez em que o professor desceu, para almoçar na sala."



Chico Buarque (ao fundo) ajudando a retirar o caixão da casa do pai, no Pacaembu.

Sérgio, até o fim, sem pompas. // Folha de São Paulo //

São Paulo, 26 abr 1982. // ilustrada pg. 79.

Artigo sobre a morte de Sérgio com comentários feitos por vários intelectuais.

SBH/r

82/04/26-1a

Folha de São Paulo

SBH
17p 31 - ex 20
(113)

continua...

...continuação

Impacto no meio intelectual

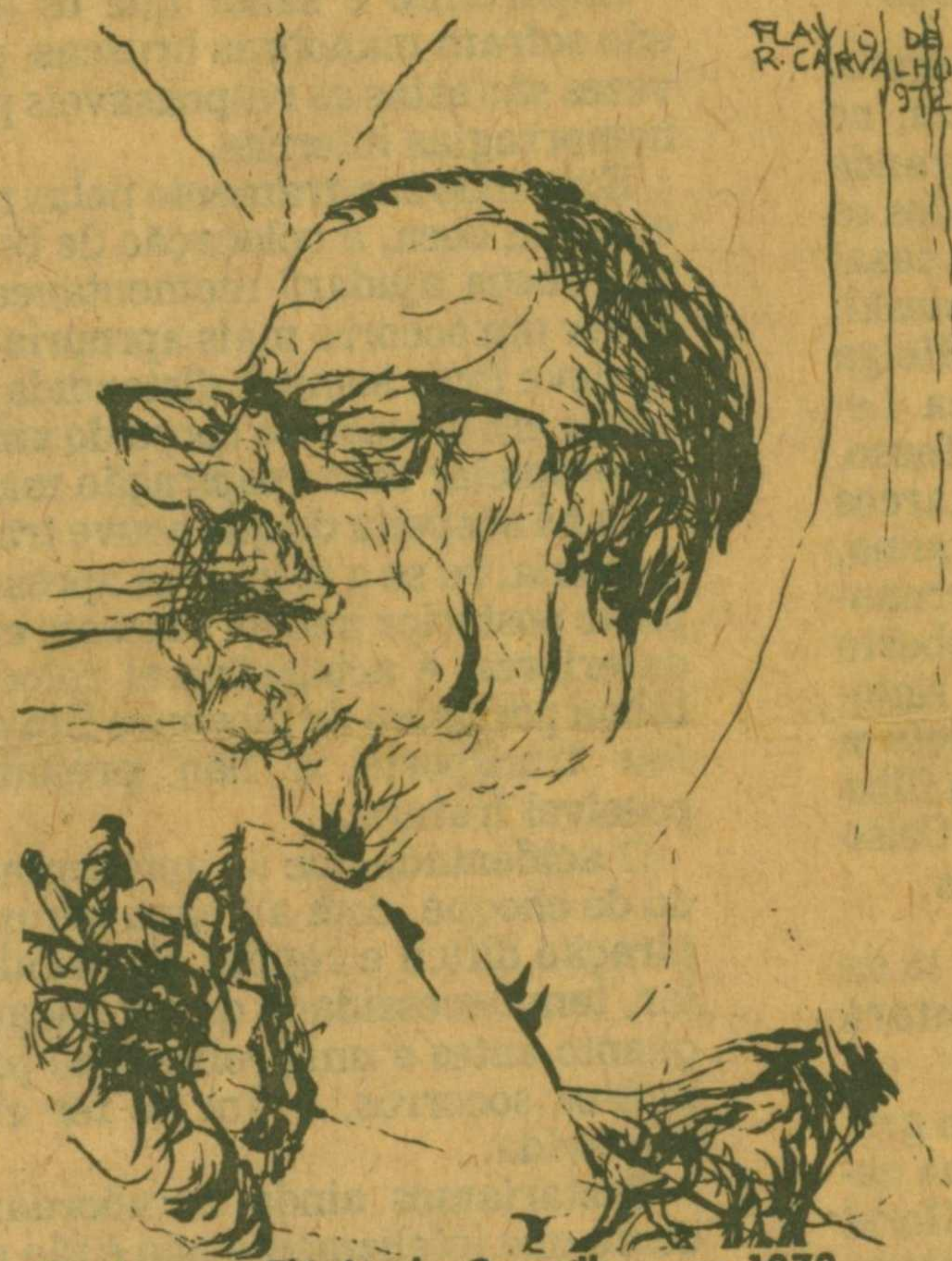
A morte de Sérgio Buarque de Holanda causou profundo impacto nos meios intelectuais, não só pelo desaparecimento deste que era considerado um dos maiores historiadores brasileiros, mas pela honestidade, grandeza de espírito e intransigência na defesa dos valores democráticos. Amigos e críticos de sua obra são unânimes em afirmar que o escritor, além de brilhante figura, era, antes, um humanista, solidário com as vítimas da injustiça e da arbitrariedade, como bem demonstra sua atitude contra a prepotência, tomada em 1969, quando decidiu aposentar-se como professor da Universidade de São Paulo, em apoio a seus colegas cassados.

Florestan Fernandes (sociólogo e professor de Política) — “Sérgio foi um homem inquieto, alegre, romântico, devotado não só à crítica como também à investigação histórica, filosófica e literária. Sua grande obra “Raízes do Brasil” é uma análise acurada da nossa sociedade e abriu novas perspectivas para a transformação do homem brasileiro.”

Emília Viotti (professora universitária e amiga do escritor há 30 anos) — “Foi o professor menos acadêmico que a universidade já teve, um homem cuja inteligência não podia ser contida nos limites de uma universidade, particularmente após 1964. Pertence a uma geração de intelectuais de elite que, pelas circunstâncias, foi capaz de assumir uma crítica de sua própria classe. Sérgio jamais hesitou em defender as causas democráticas, nem mesmo em ocasiões em que sua segurança corria riscos. É o exemplo mais perfeito do humanismo no século 20, um século que cada vez mais perde a dimensão do humano. Seu profundo senso de responsabilidade intelectual e seu extraordinário senso de humor lhe conferiam particular lucidez. Como historiador, sua obra serviu de ponto de referência obrigatório às gerações que o sucederam. O homem cordial pode não ter sido uma discussão histórica acurada da realidade brasileira, mas é certamente uma definição correta de Sérgio Buarque de Holanda.”

Rubens Borba de Moraes (escritor e amigo pessoal de Sérgio desde a eclosão do movimento modernista de 22) — “Nos vimos pela última vez há um mês, quando já estava bastante doente. Sua morte significa a perda de um grande amigo, de um companheiro que foi um dos grandes historiadores brasileiros, homem de cultura geral extraordinária, que deixa uma obra considerável.”

José Honório Rodrigues (historiador) — “Conheci Sérgio em 1939, quando entrei para o Instituto Nacional do Livro. Na época, ele dirigia a Divisão de Publicações, tendo criado uma coleção importantíssima, a Biblioteca Popular Brasileira. Apreendi muito com ele, que, ao lado de Caio Prado Júnior, são os dois maiores historiadores brasileiros. Só discordo, até hoje, de sua expressão homem cordial, utilizada em “Raízes do Brasil”, mas, sem dúvida, foi um livro que causou grande impacto nos meios intelectuais. No entanto, sua obra máxima continua sendo “Visões do Pa-



Sérgio, por Flávio de Carvalho, em 1972.

raíso”, um livro para poucas pessoas. E, se sua obra parece pequena, isso se deve à notável preguiça de Sérgio, um verdadeiro revisionista de nosso passado histórico.”

Fernando Novaes (historiador) — “Sua morte causou um grande impacto. Fui aluno da primeira turma de Filosofia e Sérgio era um professor extraordinário. Nos vimos pela última vez no ano passado e dele posso dizer que era o maior historiador deste País, homem de formação ampla que deixa uma obra importantíssima, na qual figura seu livro máximo, “Visões do Paraíso”.

Paulo Duarte (escritor) — “Sua morte é algo absolutamente inacreditável. Sérgio era o grande cronista da história brasileira. Conheci-o no Rio de Janeiro, quando ele planejava mudar-se para São Paulo, e, então, sugeri à Universidade de São Paulo o seu nome. Fez um concurso brilhante. Autor de uma obra extraordinária e importantíssima”.

Carlos Guilherme Motta (historiador) — “Desaparece com Sérgio Buarque de Holanda o maior estilista brasileiro deste século. Sua obra “Raízes do Brasil” se insere entre os três livros mais importantes surgidos no contexto da década de 30, ao lado de “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, e “Evolução Política do Brasil”, de Caio Prado Jr. Sempre admirei nele a irreverência em relação aos poderosos, um certo desprezo pelo autoritarismo e os burocratas universitários. É uma época que se encerra, e digo isso como crítico que fui de sua visão oligárquica de cultura. Como bem disse Drummond, agora chega de ser moderno, é hora de ser eterno”.

Décio de Almeida Prado (ex-professor da USP e crítico de teatro) — “Admirava muito Sérgio Buarque. Não sei, absolutamente, o que dizer...”